

SOL

nascente



Publica-se
a um e quinze
de cada mês

Mínimo de assi-
natura: 5 núme-
ros, 5 escudos.
(Pagamento
adiantado)

Visado pela
Comissão de
Censura

quinzenário cultural de literatura e crítica

CULTURA E TÉCNICA (Continuação da página três)

ção; os homens que formam a engrenagem moderna e cujo trabalho se enquadra mutuamente, devem ser semelhantes, com matemática justeza.»

¿ Mas porque não há-de procurar-se, em vez dos pávidos receios que nada resolvem, um método de técnica e organização humana que não leve, sôbre a standardização do trabalho, à standardização da consciencia e da vontade?

Basta a diminuição progressiva do tempo de trabalho necessário ao interesse colectivo, para que se obtenha uma liberdade de criação interior inesgotável — desde que se escravize a máquina sem escravizar o homem. Os benefícios da existencia livre, da actividade espontânea, dos «loisirs», bem dirigidos, estão patentes à boa-vontade humana. Há um obstáculo, ao mesmo tempo simples e monstruosamente difícil: a unanimidade no querer.

O homem futuro pode não ser escravo da máquina, não o ser da terra, não o ser do homem, não o ser de si-mesmo — das suas necessidades vitais que não se compadecem com a liberdade.

Há já demasiado tempo que se deseja e se espera: desde Adam Smith, que salientava o prejuizo espiritual do homem submetido durante a vida inteira a um número restrito de operações simples, até Ruskin, Tolstoï e contemporaneamente Henri de Man.

E' inegável que o homem de hoje vai sendo minuciosamente triturado pela automatização do trabalho; que é arrastado muitas vezes a uma necessidade indeclinável de evasão que as condições da vida prática, da educação e dos interesses morais criados, difficilmente encaminham num sentido social e individualmente criador. (1)

E' uma quimera inútil o desejar restrições ao progresso industrial; a solução é mais simples e mais humana; basta, como diz G. Friedmann, opôr à racionalização clássi-

ca a «racionalização duma sociedade para quem os valores humanos sejam primordiais, submetendo-lhes a técnica e construindo uma oficina que, longe de aniquilar o trabalhador, se torne ao mesmo tempo um centro de produção, de investigação e de cultura, graças à proximidade do laboratório e da fábrica.»

Deste esbôço breve de antecedentes psico-fisiológicos uma conclusão pode, talvez, destacar-se: que o problema da técnica não é praticamente simples, que não é apenas científico ou apenas social. Não basta levar um pouco de humanidade à máquina, como o pretende a «organização científica do trabalho»; é preciso, sobretudo, harmonizar o emprêgo que dela se faz e as conclusões sociais dos seus resultados económicos.

A máquina é um instrumento que ultrapassa largamente em consequências o homem que a manobra; é um aparelho de produção, um elemento que atinge tóda a organica social da espécie no ritmo planetário da nossa vida histórica.

A «organização científica do trabalho» só pode fazer *marchar* o problema que se agita entre os homens num domínio estreito de psico-fisiologia. A existencia humana não é só individuo aplicado ao exercicio de uma função, mas sociedade vivendo das relações entre os homens e de uma técnica de extensos resultados. As soluções serão muito mais complexas, muito mais demoradas e também muito mais humanas do que o suspeitam os pseudo-realistas que só esperam a justiça de uma terapeutica illusória de «psicologia» aplicada.

O nosso tempo tem a grandeza e a fatalidade de um destino histórico urgente, sôbre a acumulação de conquistas e erros desta marcha humana que galgou os séculos precipitadamente. Nem todos os elementos da alma e da organização colectivas puderam caminhar com o mesmo alento rápido e ofegante; há atrasos essenciais que precisamos de arrancar para a frente, e êste esforço parece estalar até aos fundamentos a estrutura clássica da Terra.

(1) Leia-se o implacável «Babitt» de Sinclair Lewis — a observação mais impressionante da *verdade americana*.